

O uso de anáforas demonstrativas nas piadas de relações conjugais

The use of demonstrative anaphora jokes in marital relations

Rodrigo Bartz *

Onici Claro Flores **

RESUMO: No presente trabalho analisamos o uso dos demonstrativos, referência anafórica, que são encontrados com certa recorrência nas piadas do cotidiano conjugal, ou simplesmente piadas de casamento. Como apoio teórico, usaremos, entre outros, os trabalhos de Koch (1989, 2007) e principalmente *A Linguística textual* de Adam (2008). Ao término do estudo, concluímos que os demonstrativos exercem fundamental papel na referência em piadas e auxiliam o leitor a entendê-las melhor. Na verdade, as anáforas funcionam como uma forma de retomada de algo citado anteriormente sem sua exaustiva repetição. Assim, o texto flui.

PALAVRAS-CHAVE: (Co)referenciação. Anáforas. Demonstrativos. Piadas de relações conjugais.

ABSTRACT: In this paper we analyze the use of statements, anaphoric reference, which are found in certain recurrence jokes everyday marital or simply jokes wedding. How we use theoretical support among other jobs Koch (1989, 2007) and primarily *Textual Linguistics* of Adam (2008). At the end of the study conclude that the statements exert fundamental role in referencing jokes in and help the reader to understand them better. In fact, the anaphora function as a form of recovery, something previously mentioned without his exhaustive repetition. Thus, the text flows.

KEYWORDS: (Co)referral. Anaphora. Statements. Wedding jokes.

* Aluno do curso de mestrado do PPG em letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, departamento de Letras. Bolsista FAPERGS. E-mail: rodrigobartz@mx2.unisc.br

** Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do curso de mestrado PPG em letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Departamento de Letras. E-mail: oflores@unisc.br.

Introdução

Adam (2008) é a principal âncora teórica do presente trabalho. A escolha teórica se deve ao fato da abordagem selecionada ser uma teoria de produção co(n)textual de sentido, que se funda na análise de textos concretos e não de textos manipulados.

Segundo Adam, as referências anafóricas em um texto não devem ser consideradas como preexistentes, mas construídas e reconstruídas no desenvolvimento do próprio texto. Estas, no caso presente, as anáforas demonstrativas, são usadas para retomar, construir e/ou reconstruir mecanismos do discurso e são responsáveis por garantir, de alguma maneira, a progressão referencial. Assim, entendê-las é tomar conhecimento dos recursos linguísticos que contribuem para a construção do discurso.

Neste trabalho, anáforas serão entendidas como um tipo de expressão referencial que recupera uma parte do texto, e não apenas um referente pontual, por meio de nominalizações, rótulos ou dêiticos. Afinal, dêiticos e anáforas não se recobrem, como afirma Koch (2007, p.50): “[...], ou seja, a dêixis textual não tem sido considerada uma dêixis propriamente dita, mas sim descrita apenas como um uso anafórico ou catafórico específico”.

Com este estudo queremos apresentar algumas características dos pronomes demonstrativos anafóricos, analisá-los e apresentar também algumas características de piadas sobre o cotidiano conjugal, piadas de casamento, retiradas do site “www.piadas.com.br”. Por isso, não reprisaremos o conceito de pronome demonstrativo encontrado nas gramáticas normativas, já que o objetivo do presente trabalho é analisar os demonstrativos como forma de (co)referência anafórica.

(Co) Referenciação, anáforas e uso dos demonstrativos

Os demonstrativos não exercem apenas a função de demonstrar a posição de um elemento em relação às pessoas ou objetos do discurso. Eles são considerados como designadores, visto que sua função é apontar para algo em uma situação enunciativa. Geralmente, não se caracterizam pela distância que os separa do antecedente.

Quando usados anaforicamente, os demonstrativos podem configurar diferentes tipos de referência, desde que a configuração textual responda positivamente ao mecanismo ativado.

Segundo Koch (1989), o elemento de referência pode ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado. Assim, o referente representado por um nome ou por um sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve. O referente se constrói no decorrer do texto, modificando-se a cada novo "nome" ou a cada nova ocorrência do mesmo "nome", ou seja, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.

A referenciação é o processamento do discurso, sendo realizada por sujeitos ativos durante a textualização. Ademais, é estratégica, ou seja, implica, da parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece. Esse processo diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve. Dessa forma, o sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, fazendo escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (KOCH, 2005). Isto é, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.

O processo determinado correferenciação anafórica nos discursos humorísticos exerce "[...] uma relação de identidade referencial entre dois ou mais signos semanticamente interpretáveis" (ADAM, 2008, p.132). São

consideradas anáforas, as co-referências em que a interpretação de um significante depende de outro, presente no co-texto da direita para a esquerda. Essas referências podem ser representadas gramaticalmente ou lexicalmente:

Esse tipo de remissão pode ser efetuado, como foi mencionado [...], por meio de recursos de ordem "gramatical" – pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os diversos tipos de numerais, advérbios pronominais (como *Aquí, aí, lá, ali*) e artigos definidos; ou por intermédio de recursos de natureza lexical, como sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, descrições definidas; ou ainda, por reiteração de um mesmo grupo nominal ou parte dele; e, finalmente, por meio de elipse (KOCH, 2007, p.46).

Os demonstrativos que analisaremos são anafóricos que se encontram arrolados nas referências gramaticais, e não nos dêiticos, pois as duas possuem diferenças. Segundo Ehlich (1981, apud, KOCH, 2007), as expressões dêiticas permitem ao falante uma organização da atenção como dos interlocutores com referência ao conteúdo da mensagem. Koch explica que o autor procura diferenciar anáfora e o que chama de "dêixis textual", pois a dêixis textual tem sido geralmente considerada "como um uso anafórico ou catafórico específico, em virtude da concepção sensório-perceptual da dêixis dominante entre os estudiosos da questão." (KOCH, 2007, p.50).

Para Ehlich (1981, apud, KOCH, 2007), o que diferencia dêiticos e anáforas é que as anáforas estabelecem uma relação de correferência, de referência entre elementos presentes no texto. Casos de concordância são encontrados com frequência nas anáforas e, através das mesmas, são estabelecidas, nos textos, cadeias referenciais, o que não acontece com os dêiticos.

Assim, para manter o controle sobre o que foi dito anteriormente, são usados constantemente termos e expressões que retomam outros termos do próprio texto, constituindo assim cadeias referenciais presentes na memória

discursiva do ouvinte leitor, implicando a: “[...] retomada de um elemento suposto, armazenado na memória (memória discursiva) pelos leitores.” (ADAM, 2008, p.145).

Sendo retomado por um demonstrativo, o referente sublinha a presença explícita de um determinado indivíduo, lugar, etc. Reclassificando o objeto do discurso através da anáfora demonstrativa, indicando, dessa forma, analogia com algo já citado como afirma Adam (2008, p.142): “A anáfora demonstrativa [...] indicando, certamente, a identificação, a relação com um segmento posto na memória, anteriormente.”

O demonstrativo, na verdade, funciona como um: “designador direto, que permite a apreensão do referente por intermédio do contexto de enunciação.” (KLEIBER, 2001, apud ADAM, 2008, p.143).

Adam (2008) sustenta que as anáforas correferênciais visam à continuidade do texto através de retomadas, repetições, mas seu intuito maior é dar progressão por meio de novas especificações. Nas relações correferênciais é permitida uma predicação implícita, isto é, uma repetição, renomeação que é, em princípio, parte da uma coerência textual que esconde uma adjunção de informação que permite dar uma nova direção ao dizer e ao avanço do texto.

Classificando anáfora fiel e infiel, Adam (2008) afirma que a primeira é quando um mesmo lexema é retomado e a segunda acontece quando não é retomado exatamente o mesmo lexema. Anáfora infiel pode ser, também, “[...] quando se passa de um termo hipônimo para um hiperônimo.” (ADAM, 2008, p.138).

Já anáfora resumidora acontece, segundo Adam (2008), quando um demonstrativo retoma de forma “condensada” algo dito no começo do texto. Já, a retomada por hipônimo¹, ou anáfora especificadora, pode ser justificada por uma mudança de ponto de vista por parte do enunciador.

¹ Hiperônimos e hipônimos são termos de um mesmo campo semântico, de sentido, em que um deles designa o gênero e o outro, a espécie. Por exemplo, flor é hiperônimo de rosa, cravo, violeta, que são seus hipônimos. (KOCH, 2006, p. 143)

Como mostra M.-J. Béguelin (1995, apud ADAM, 2008, p.144) “A anáfora especificadora aresta-se aos contextos em que, por uma razão ou por outra, é plausível que a retomada do referente seja acompanhada de um refinamento de sua categorização”.

Em suma, por intermédio de modificações progressivas de um referente, as anáforas exercem um papel primordial não apenas na coesão, mas também na progressão do texto.

Conceituando piada

Natale (apud GIL, 1991, p. 65) defende que existe um campo semântico do riso, que agrega 33 termos relacionados à piada: absurdo, alegria, anedota, blague, bufonaria, burlesco, caçoadada, casquinha, chacota, chiste, comédia, engraçado, escárnio, farsa, galhofa, gargalhada, gozado, hilaridade, humor, ironia, jocosidade, ludíbrio, mofa, palhaçada, paródia, piada, picaresco, pilhéria, sarcasmo, sátira sorriso, troça, zombaria. A piada, que provém do particípio passado do verbo “piar”, é um dos elementos do campo semântico e, segundo Natale, tem o sentido definido pelo contexto do uso:

Os termos que dependem exclusivamente do contexto para uma correta avaliação semântica e podem gerar um riso de cunho positivo ou negativo, são a anedota, piada, pilhéria, humor e bufonaria; denotam caráter misto, intrínseco ao fenômeno do riso e também a visão de cada um sobre determinado fato, que é relativo, sobretudo acerca das causas do riso, pois o que é cômico ou risível para um pode não ser para o outro, dependendo do momento ou de outras variantes (NATALE, apud GIL, 1991, p. 82).

Muitos confundem piadas com adivinhas, o que é totalmente inadequado. Adivinhas têm como característica básica uma formulação e uma resposta, a criação de um desafio lúdico, resolvido por uma reflexão sobre a linguagem. O que a diferencia das piadas é que estas têm em seu

enredo, geralmente, uma crítica social “[...] e isto é um traço marcante das piadas e não das adivinhas. É como se tivéssemos um gênero dentro do outro. A estrutura formal é do gênero das adivinhas, entretanto, o que temos é uma piada, utilizando-se de traços característicos das adivinhas”, afirma Marini (apud GIL, 1991, p. 85).

Muniz (2004, p. 71) apresenta alguns conceitos de piada após analisar o amplo uso da palavra “[...] nem tudo que se diz ser piada o é [...], talvez o termo piada seja uma espécie de arquilexema, uma grande entrada para tudo o que se considera como sendo humorístico”.

Com o tempo, por seu amplo significado e por não se acatar a teoria dos *scripts* de Raskin (1985)², incluíram-se elementos de outras áreas nas piadas, como a linguística textual, as teorias da narrativa e a pragmática. A piada passou a envolver seis conceitos por parte dos leitores e apreciadores do gênero: “linguagem, estratégia narrativa, situação, oposição a *scripts*, mecanismo lógico e alvo”, segundo Attardo (1988 apud, GIL, 1991, p. 293).

O gênero piada é um texto geralmente e, tendencialmente, curto. Concordamos com Gil (1991), quando afirma que isso é uma estratégia usada para contornar a dificuldade de manter a tensão do interlocutor por muito tempo. Para Gil (1991), piada é uma narração que “[...] pode ser conceituada como um relato curto, picante e divertido que se serve essencialmente do diálogo em discurso direto” (GIL, 1991, p. 158). Muniz amplia ainda mais essa definição:

O gênero piada parte de um ponto de vista coletivo (sociocultural) e é atravessado pelos discursos produzidos na sociedade; é tendencialmente curto e contém características básicas de uma narrativa. [...] Para que o desfecho produza humor, principal função da piada, o leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai “brincar” tanto com fatos linguísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio – cultural para veicular

² Para Raskin (1985), os usuários de determinada língua têm uma competência humorística, termo criado em referência a ideias de competência linguística desenvolvida por Chomsky (de forma bem sintética, mostra que os falantes possuem uma habilidade inata para o uso da língua). Essa competência estaria ligada a uma *performance*, obtida por meio de um estímulo, manifestado pelo texto dentro de determinada situação social.

discursos geralmente “não autorizados” socialmente (MUNIZ, 2004, p. 138).

Então, com base no exposto acima, podemos afirmar que a piada é um gênero textual que apresenta um conjunto de características que fazem parte do conhecimento genérico compartilhado pelos parceiros da interação. Ela, a piada, relaciona-se ao domínio discursivo humorístico. O rótulo piada funciona com um hipergênero, que abriga diferentes gêneros. Um deles, a piada (termo homônimo), é uma narrativa curta, com personagens fixos ou não. Ela possui necessariamente um desfecho inesperado, que leva a uma inferência e a um efeito de humor. A produção da coerência ocorre dentro de um contexto sociocognitivo interacional. Estamos de acordo com a premissa de que um texto possui várias leituras possíveis, como afirma Flôres (2003). A autora reitera a posição de Possenti (1998), que sustenta a hipótese de que a piada possui uma leitura específica que leva ao efeito de humor. De acordo com Flôres (2004, p.56), “[...] uma piada contém um elemento linguístico responsável pelo humor, tendo o texto, pelo menos, dois sentidos possíveis”. Assim, ao ler uma piada, o leitor, automaticamente, faz duas leituras: primeiramente, daquilo que está óbvio (sentido literal), que ele logo descarta por não apresentar qualquer motivo de graça, e, em seguida, a leitura do sentido relevante - sentido intencionado, que se torna o dominante, ou seja, aquele buscado pelo texto. E, como resume Gil:

O texto arma uma espécie de artil para o leitor. O mecanismo desse artil faz com que o leitor se enrede em sua própria teia, isto é, o texto trabalha com dois sentidos. Num primeiro momento, ele privilegia um sentido e faz com que o leitor espere uma solução de acordo com esse sentido. Num segundo momento, o texto conclui pelo outro sentido que também está no texto, caminhando de modo implícito ao lado do outro. Ele é induzido a descobrir e a se surpreender com a descoberta de que já tinha conhecimento daquilo que agora lhe é revelado. Ele se surpreende ao descobrir que conhecia antecipadamente o conteúdo da revelação (GIL, 1991, p. 133).

Acrescentamos que a piada tanto pode ser produzida no âmbito oral como no âmbito escrito, envolvendo ainda diferentes mecanismos expressivos.

Porque estudar as piadas

Possenti (1998) observa que, embora não exista uma linguística do humor, o texto humorístico, ou, particularmente, as piadas, podem ser apropriadas a partir dos mecanismos linguísticos que fazem dele um tipo especial de texto, voltado para os efeitos de sentido humorístico e para provocar o riso. Todavia, lembra que não haveria como analisar e investigar a abordagem linguística das piadas, pois, se analisada, teríamos que deixar de lado outras questões salientes.

Para tornar as piadas interessantes para a linguística, seria necessário considerar seus aspectos tipicamente linguísticos, deixando em segundo plano, mas sem excluí-las, as outras questões relevantes. Essas questões são aparentemente tão relevantes que são sempre as que interessam aos outros estudiosos. (POSSENTI, 1998, p. 22).

Além de constituírem um material muito interessante, que pode ser excelente exemplo para explicitar princípios de análise linguística, as piadas podem oferecer argumentos para pesquisas ligadas às teorias textuais ou discursivas. Particularmente, do ponto de vista discursivo, as piadas fornecem um rico material de análise, por várias razões, segundo declara Possenti:

- 1º) As piadas versam sobre temas socialmente controversos e, nelas, podemos reconhecer diversas manifestações culturais, ideológicas ou valores arraigados, tais como os temas ligados ao sexo, aos preconceitos raciais, à corrupção política, às instituições sociais (ao casamento), à aparência física das pessoas etc.
- 2º) As piadas operam intensamente com estereótipos (judeu é sovina e só pensa em dinheiro; a traição faz parte do casamento ou o casamento pressupõe interesses financeiros; freiras e padres não são castos; português é burro, assim como as loiras também o são, gaúcho não é macho, etc.).

3º) As piadas geralmente veiculam um discurso proibido, subterrâneo, não oficial. O discurso humorístico permite a veiculação de discursos que não são (ou não podem ser) explicitados correntemente. As piadas de casamento dizem, por exemplo, que maridos e esposas traem. Se alguém deixa transparecer, por exemplo, o preconceito contra negros, poderá, certamente, sofrer as sanções previstas na Lei 7.716/ 89, do Código Civil, que descreve os crimes resultantes de preconceitos de raça e cor. Mas, se é contada uma piada sobre negros, o ato pode ser considerado, como comumente se diz, uma simples "piada", uma "brincadeira inocente sem quaisquer intenções racistas". O fato é que o discurso humorístico consegue dizer o que não pode/deve ser dito, provavelmente porque não há um juízo de valor sobre quem conta ou quem ouve piadas. As piadas funcionam como o lugar onde as leis (morais, éticas...) que regem a sociedade são suspensas. (POSSENTI, 1998, p. 36)

Em suma, socialmente, há discursos proibidos e discursos permitidos. Por isso mesmo, não dizemos exatamente o que queremos em qualquer hora e lugar, dizemos e fazemos, normalmente, o que se espera socialmente em determinados lugares e momentos. Mesmo assim, muitas vezes, deixamos escapar o que não deveria ser dito, mas é dito, mesmo que de brincadeira, como nas piadas. Nelas, aquilo que não é permitido dizer em determinadas circunstâncias encontra espaço para ser dito, mesmo que de modo subentendido ou implícito, fazendo das piadas textos que exigem uma leitura perspicaz e eficiente.

Uma leitura eficiente precisa captar tanto as informações explícitas quanto as implícitas. Um leitor perspicaz é aquele capaz de ler nas entrelinhas. Se não tiver essa habilidade, passará por cima de significados importantes ou – o que é bem pior – concordará com ideias ou pontos de vista que rejeitaria se percebesse. (SAVIOLI e FIORIN, 2001, p. 306)

Outra razão que torna o estudo das piadas interessante é o fato de que elas operam com estereótipos:

As piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam mesmo uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim elas se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não especializados. Apenas para exemplificar, nas piadas, judeu só pensa em dinheiro, mulher inglesa é fria, português é burro, gaúcho é afeminado, japonês tem pênis

pequeno, nordestino/ brasileiro é mais potente do que qualquer gringo grandalhão, marido é traído e esposa é infiel, brasileiro/ mineiro é mais esperto, etc (POSSENTI, 1998, p. 26).

Na grande maioria das vezes, agem camuflando problemas, isso porque, com o uso da ironia, as situações e até mesmo alguns preconceitos, tornam-se mais amenos e, portanto, deixam de ser tão graves.

Análise

Texto I

Terapia sexual

— O meu caso, doutora, é que a minha vida sexual caiu na monotonia e na rotina e tá ficando uma coisa muito chata. Não consigo ver uma saída.

— Isso tem solução. Seja criativo, use a imaginação, descubra novas formas de seduzir e de atrair a sua mulher. *Quando você chegar em casa, diga à sua mulher que vocês hoje vão **brincar de médico**, por exemplo.*

— E como é **isso**, doutora?

— É assim: você deixa ela esperando uma hora e meia do lado de fora do quarto e, quando ela entrar, você resolve tudo em cinco minutos.

(Disponível em: www.piadas.com.br)

O demonstrativo “*isso*”, na piada I, retoma “*brincar de médico*”, servindo também como progressão, pois além de dar andamento à piada, o termo demonstrativo faz com que ela persista, mantendo uma característica fundamental do discurso humorístico: que é de ser um texto curto, como afirma Gil (1991), uma estratégia usada para superar a dificuldade de manter a tensão do interlocutor por algum tempo.

Nesse caso, o elemento de referência é representado por um pronome, uma correferência, isto é, o referente acaba se reconstruindo textualmente, como cita Koch (1989). Trata-se, portanto, de um demonstrativo anafórico e não dêitico, pois o demonstrativo “*isso*” estabelece uma relação de correferência, ou de referência de elementos presentes no texto, como sustenta Ehlich (1981, apud KOCH, 2007).

No caso dessa piada, temos o demonstrativo usado como anáfora infiel: “[...] quando não retoma exatamente o mesmo lexema” (ADAM, 2008, p. 134 -138), porque o termo “*isso*” reclassifica o referente, na medida em que não é equivalente à frase retomada, não há uma relação de identidade referencial entre dois ou mais signos interpretáveis semanticamente.

Ocorre uma retomada por hiperonímia, que faz com que em uma relação baseada em estereótipos, os dados retomados sejam acessíveis ao universo do leitor.

Texto II

Chegando de Surpresa

O camarada chega em casa de surpresa, e encontra sua mulher na cama com **um tremendo negão**. Nervoso, ele tira o revólver e diz:

— Sai daí, Clarice, eu vou matar **esse desgraçado!**

E a mulher:

— Ahhh! Então eu tinha razão! Você é racista!

(Disponível em: www.piadas.com.br)

No texto II, a anáfora é representada pelo “*esse*”, seguida por “*desgraçado*”, que retoma um dos personagens da piada “*negão*”, citado anteriormente.

Ocorre, nesse caso, “uma retomada por hipônimo – anáfora especificadora” (ADAM, 2008, p.144). Justifica-se, discursivamente, por uma possível mudança no ponto de vista do locutor. Adam (2008) afirma que essa relação de um termo hiperônimo ou superordenado “*um tremendo negão*” por um termo hipônimo “*esse desgraçado*” funciona em um sentido perfeito na estrutura, digamos, mais usual ou mais neutra da língua. Trata-se, na verdade, de uma anáfora demonstrativa especificadora.

O processo de referenciação mobiliza a expressão “*um tremendo negão*”, em que, ao ser relacionado, a anáfora demonstrativa “*esse desgraçado*”, especifica a entidade visada, sem a evocar usando os mesmos termos.

Além disso, concordamos com Possenti (1998), quando afirma que há discursos proibidos e permitidos que, em algumas ocasiões, deixamos escapar e falamos o que não deveria ser dito. Entretanto, tais discursos são expostos mesmo que de brincadeira, como no exemplo acima. Neles, mesmo preconceitos raciais, como no exemplo analisado, tornam-se permitidos. Dessa forma, encontram espaço para ser ditos, exigindo uma leitura eficiente, pois, o termo “*esse desgraçado*” e “*sua mulher na cama*” desviam a atenção, funcionando como certa camuflagem de alguns preconceitos, pelo uso da ironia, deixando de ser tão graves como afirma Flôres (2003).

Texto III

MOTEL?!

Um casal de judeus, ambos com 38 anos, chegam ao consultório de um médico terapeuta sexual. O médico pergunta-lhes:

— **O que posso fazer por vocês?**

Jacó responde-lhe:

— **Você poderia ver a gente transando?**

O médico olha espantado, mas concorda. Quando a transa termina, o médico lhes diz:

— **Não há nada errado na maneira como fazem sexo.**

E, então, cobra R\$ 70,00 deles pela consulta. Isso se repete por várias semanas. O casal marca horário, faz sexo sem nenhum problema, paga o médico e deixa o consultório. Finalmente, o médico, já não agüentando mais de tanta curiosidade, resolve perguntar-lhes:

— **Afinal, o que estão tentando descobrir?**

E Jacó responde-lhe:

— **Não estamos tentando descobrir coisa alguma. O problema é que ela é casada e eu não posso ir à sua casa. Também sou casado e ela não pode ir até minha casa. No Hotel Quatro Rodas, um quarto custa R\$ 120,00; no Sheraton, R\$ 100,00. Aqui transamos por R\$ 70,00 e ainda sou reembolsado em R\$ 42,00 pelo Plano de Saúde!**

(Disponível em: www.piadas.com.br)

Na piada acima, ocorre a referenciação por anáfora através do termo demonstrativo “*isso*”, que retoma os fatos ocorridos anteriormente. Seu uso

caracteriza a anáfora resumidora, que “[...] pode, igualmente, incidir sobre um segmento longo que ela sintetiza” (ADAM, 2008, p. 134), permitindo redirecionar o discurso e traduzindo o ponto de vista do leitor, locutor, isto é, através desta anáfora demonstrativa, o leitor pode retomar o conteúdo proposicional precedente. E, então, sendo retomado por um demonstrativo, o referente indica analogia com algo já citado, como sustenta Adam (2008). Esse demonstrativo, usado no exemplo cima, retoma um elemento suposto, armazenado na memória discursiva, que asseguram a progressão do texto por novas especificações e mobilização das referências dos lexemas utilizados, afirma Adam (2008). O uso do demonstrativo, na piada acima, funciona como paráfrase resumidora de uma “enumeração” antecedente. O termo funciona como anáfora encapsuladora, “[...] resumindo proposições do discurso, empacotando-as numa expressão referencial” (CAVALCANTE, 2003, p.115).

Normalmente, essa anáfora demonstrativa aparece com nomes de referências constantes, para abranger o contexto subsequente, exercendo então, função de apoio temático, o que permite criar uma nova predicação.

Segundo Koch (1989), o referente representado por um nome, ou demonstrativo, no nosso objeto de análise, vai incorporando traços do próprio texto, na medida em que o mesmo vai se desenvolvendo. Assim, o sujeito, na interação, no caso da piada acima, o termo “*isso*”, opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição, fazendo escolhas, ou seja, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.

Texto IV

VIBRADOR

Um casal estava casado há ***vinte anos*** e, sempre que fazia sexo, o marido insistia em desligar a luz. Após ***esse tempo todo***, a mulher achava que aquilo era estúpido. Decidiu que iria tirar do marido esse hábito desnecessário.

Certa noite, enquanto faziam amor, ela acendeu as luzes. Olhou e viu o marido com um vibrador na mão. Ficou louca de raiva e frustração!

— Seu impotente, como pôde mentir-me durante **esses anos todos**?! É melhor explicar-se bem!
O marido fitou-a bem nos olhos e, calmamente, disse-lhe:
— Explico-lhe sobre o vibrador se me explicar sobre nossos três filhos!

(Disponível em: www.piadas.com.br)

No texto IV, acontece um caso de anáfora demonstrativa fiel entre as expressões, "*vinte anos*", "*esse tempo todo*", e "*esses anos todos*". Dizemos que a anáfora é fiel, porque "o mesmo lexema é retomado" (ADAM, 2008, p. 134), e, ao mesmo tempo, a referência é demonstrativa, pois todas retomadas ocorrem através de um demonstrativo.

Em outras palavras, os lexemas são equivalentes, ocorrendo repetição lexical, pois a sinonímia ou paráfrase é facilmente apreensível. Trata-se da recuperação de um objeto do discurso, utilizando expressões equivalentes em sentido.

Em resumo, a anáfora fiel, através do demonstrativo, provavelmente, é a que menos problema interpretativo levanta para um possível leitor/ouvinte, pois seu emprego é apreendido como sendo a repetição de um estatuto cognitivo já ativado anteriormente.

O exemplo acima se encaixaria também na definição de Gil (1991), quando a autora afirma que a piada possui necessariamente um desfecho inesperado, que leva a uma inferência e a um efeito de humor. E, acordamos novamente com Possenti (1998), quando afirma que o discurso humorístico geralmente veicula um discurso subterrâneo, não oficial, quando piadas de casamento dizem o que exatamente encontramos no exemplo acima de que maridos e esposas traem.

Conclusão

Os demonstrativos são constantemente considerados referentes anafóricos, no sentido de que são caracterizados pela sua capacidade de referenciação, ou seja, eles conseguem repetir sem repetir exatamente do

mesmo modo, permitindo a progressão textual, estabelecendo vínculos entre as noções do texto, ao mesmo tempo em que mantém sua coerência.

Percebemos, após análise das quatro piadas sobre o cotidiano conjugal, ou piadas de casamento, que os demonstrativos exercem claramente uma função de referenciação anafórica. Esta pode ser especificadora, resumidora, encapsuladora, fiel ou infiel, pois retoma, com repetição ou não de lexema, resume através de algo dito no começo do texto e retoma através do demonstrativo, bem como, de hipônimo para especificar o referente, segundo comenta Adam (2008). Constatamos também, nas quatro piadas de casamento analisadas, que essas retomadas, além de aparecerem com frequência nos discursos humorísticos, desempenham uma função primordial para o entendimento do texto. Com certeza, são anafóricas, pois “[...] a interpretação de um significante depende de outro, presente no co-texto esquerdo.” (ADAM, 2008, p. 133). Além disso, o contexto contribui para que isso aconteça, pois os demonstrativos exercem a função de tornar curtos os referidos discursos humorísticos.

Certamente, esses pronomes demonstrativos não seriam entendidos isoladamente e, por isso mesmo, contribuem para manter a característica das piadas, que é de serem curtas, sinalizando (em forma de anáfora) em apenas uma palavra outras ditas anteriormente.

Chegamos ao final deste estudo com a convicção de que não esgotamos a reflexão sobre o gênero considerado. Ainda há muito que estudar. Nós apenas apontamos uma possibilidade de análise.

Por isso, sabemos que não somos a origem de nosso dizer, não instauramos nada original. E sabemos que os demonstrativos anafóricos, assim como as piadas, são complexos, apesar de serem concisos, curtos e temporalmente limitados.

Referências

ADAM, Jean-Michel. *A linguística Textual* - Introdução à análise textual dos discursos. Trad. RODRIGUES, M. G.; NETO, J.G. S.; PASSEGGI, L.; LEURQUIN, E. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões referenciais: uma proposta classificatória*. In: Cadernos de Estudos linguísticos. São Paulo: Unicamp, 2003, p. 105-116.

FLÔRES, Onici Claro. *Ingredientes linguísticos das piadas*. In: (Org.). Ensino de Língua e Literatura – Alternativas metodológicas – Tomo II. Canoas: ULBRA, 2003, v. 2, p. 55-70

GIL, Célia Maria Carcagnolo. *A linguagem da surpresa: uma proposta para o estudo da piada*. Assis/SP, 1991. 220p. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo/SP, 1991.

<http://www.piadas.com.br>. Acesso em: 10 de junho 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989. 75 p. (Repensando a língua portuguesa)

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *O texto e a construção de sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006. 216 p.

MUNIZ, Cassandra. *O Processo de inferência na compreensão de piadas*. ed. : Avelabra, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. 152 p.

RASKIN, Victor. *Mecanismos semânticos do humor*: Reidel: Dordrecht, 1985.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de textos: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001.

Recebido em fevereiro de 2013.
Aprovado em agosto de 2013.